



XIV Encontro Nacional da ANPUR

23 a 27 · maio · 2011 · Rio de Janeiro

XIV ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR

Maio de 2011

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

MORADIA E REDES SOCIAIS DE MIGRANTES NORDESTINOS: O CASO DE RIO DAS PEDRAS.

Heloisia Maria Alves de Oliveira (IPPUR/ UFRJ) - heloisia@bentorubiao.org.br

Socióloga, Doutoranda do IPPUR/UFRJ

1. Introdução

A proposta de pesquisa aqui exposta surgiu após visita informal à favelaⁱⁱ Rio das Pedras, no início de 2005. Na ocasião, dois fatos me chamaram a atenção, a existência no interior da favela de duas agências de viagens, que propiciavam o deslocamento dos moradores a cidades nordestinas; e o grande número de anúncios de comercialização de imóveis, expostos em toda a extensão do lugar.

Localizada em Jacarepaguá, mais precisamente nas proximidades da Barra da Tijuca, bairro habitado predominantemente por famílias de alto poder aquisitivo, Rio das Pedras assemelha-se as outras favelas cariocas por abrigar um grande número de nordestinos. Oriundas das mais diversas cidades da região, famílias inteiras buscam nas favelas cariocas a possibilidade de moradia a baixo custo, e de oportunidades de trabalho.

De acordo com o Anuário Estatístico do Rio de Janeiro (2006), Rio das Pedras possui cerca de 40 mil moradores, e ocupa atualmente, a quarta posição no ranking de maior favela da cidade, ficando atrás, apenas, de favelas como o Complexo do Alemão, Rocinha e Jacarezinhoⁱⁱⁱ. Além disso, pesquisa realizada em 2000 pelo Departamento de Sociologia e Política, PUC – Rio constatou que 54% da população são predominantemente nordestina, especialmente de Estados como a Paraíba (20%), Ceará (15%), Bahia (7%).

Durante pesquisa de campo realizada em fevereiro e maio de 2007 em Rio das Pedras, percebi que os moradores nordestinos do lugar passaram por outras favelas^{iv} ou bairros periféricos do Rio de Janeiro. Encontrei pessoas^v que já haviam morado em até quatro favelas cariocas, antes de se estabelecerem “definitivamente” no local.

Isso não significa necessariamente que Rio das Pedras constitui local definitivo para seus moradores, pois muitos deles apresentam trajetórias circulares, e deslocam-se freqüentemente entre o local de origem e destino^{vi}. E muitas vezes, conforme estudos anteriores, essa circularidade acontece durante quase toda a vida dos sujeitos sociais (SILVA & MENEZES, 2004, GARCIA, 1990). Entretanto, me parece que a favela em questão tem exercido uma atração considerável entre aqueles que decidem permanecer na cidade do Rio de Janeiro.

Dessa forma, meu objetivo concentra-se em compreender, a partir do estudo de caso de Rio das Pedras, a constituição das redes sociais dos migrantes^{vii} nordestinos na favela e a relação dessas redes na construção de territórios de moradia no Rio de Janeiro.

Além do contexto de migração intensa, estabelecida entre cidades de origem e periferia urbana do Rio de Janeiro, em que estão inseridos os moradores nordestinos de Rio das Pedras, a pesquisa se torna relevante por refletir como as redes sociais configuram um elemento importante na explicação da mobilidade residencial dos moradores do Rio de Janeiro. E também contribuir com a análise micro do processo migratório no interior de uma grande metrópole.

Em síntese, é na tentativa de entender a constituição dos territórios de moradias dos migrantes nordestinos de Rio das Pedras, e de que modo são tecidas suas redes de relações sociais que orientarei minha análise.

2- Políticas Migratórias e Rio das Pedras no território urbano do Rio de Janeiro.

Segundo Vainer (2000), a história de constituição e evolução do Estado brasileiro tem sido também a história de conceitos, instituições e práticas voltadas para equacionar e administrar a mobilização e localização de populações. Nessa perspectiva o autor destaca cinco períodos que marcaram a história das políticas migratórias: - *Transição para o trabalho livre e a estratégia de transformação do escravo liberto em proletário moderno*; - *Substituição de escravo por imigrantes e a estratégia imigrantista-agraria*; - *Migrações internas e a estratégia de gestão regional dos excedentes*; - *Integração nacional e a estratégia de racionalização territorial dos fluxos migratórios e a Fragmentação territorial, violência e a estratégia de gestão social dos migrantes*.

Nesse sentido, minha explanação se deterá nos três últimos períodos citados por Vainer, que corresponde à explosão das migrações internas no Brasil e o surgimento da favela Rio das Pedras no contexto carioca.

No período que o autor fala das “*Migrações internas e a estratégia da gestão regional dos excedentes*” o mesmo ressalta que com os anos 50 impõe-se no cenário nacional o êxodo rural e as migrações interregionais. Junto com elas assistimos ao intenso processo de urbanização e transferência de grandes contingentes populacionais para as cidades e para as regiões mais ricas, sinalizando um período de crescimento do setor moderno e produtivo.

O discurso que predominava nesse período era de uma convivência no mesmo país de um território com espaços cheios, ou seja, com excedentes demográficos, espaços vazios e espaços em que cresciam as necessidades não satisfeitas de mão-de-obra. Assim, as migrações internas surgiam como a solução para o equilíbrio entre as regiões populosas e as carentes de braços para o trabalho.

A política migratória desse período tratava de criar as condições para esvaziar o Nordeste e amenizar a crise agrária. Vale ressaltar o papel da SUDENE como gestora regional dos fluxos migratórios. Assim a questão que inicialmente era agrária torna-se uma questão regional e migratória e esta surge mais como solução para o excedente populacional do que como problema.

No quarto período *“Integração nacional e a estratégia de racionalização territorial dos fluxos migratórios”* o autor vai ressaltar a substituição de um planejamento de desenvolvimento regional por um planejamento territorial nacionalmente integrado. O território funcionará como uma racionalidade totalizante, onde o nacional se impõe ao regional.

A política de integração nacional surge como nova solucionadora dos problemas do atraso da Região Nordeste. A criação de novos pólos regionais de modo articulado ao Centro-Sul, com o objetivo de expandir o mercado nacional e consolidar uma nova divisão inter-regional do trabalho desponta como grandes favorecedores e maximizadores das taxas de crescimento e do avanço do capitalismo na sociedade nacional (CARVALHO, 1987, p.161).

A fórmula da integração nacional consistia na complementaridade de ações de desenvolvimento da Região Nordeste a Amazônia. O problema do excedente populacional e das terras inférteis do semi-árido Nordestino poderia ser solucionado com a transferência da população dessa Região para os vazios territoriais da Amazônia. Assim, o que era problema para a Amazônia, como a dificuldade de povoamento, podia ser solucionado com o projeto de colonização, através dos excedentes populacionais do Nordeste. Diferentemente, da política anterior da Sudene, a solução dos problemas da Região Nordeste não era mais pensada somente a nível local, mas devia estar conectada a realidade nacional e por vezes, internacional.

A questão urbana se impõe progressivamente: macrocefalia urbana, necessidade de distribuir de maneira equilibrada a população no território, desenvolvimento das cidades médias, ou seja, um território reconfigurado como espaço unificado e unitário de valorização do capital e da racionalidade técnica.

A Política Nacional de Apoio às Migrações Internas surge imersa num consenso quanto à necessidade de ocupar as fronteiras e reduzir os fluxos migratórios em direção às regiões metropolitanas, favorecendo a descentralização populacional que deveria acompanhar a descentralização das atividades econômicas. Além do mais, a política migratória pensada como elemento territorial abrangente esteve associada à necessidade de formular um espaço ideal para onde os fluxos migratórios deveriam ser reorientados.

O Estado brasileiro reforçou seu compromisso com uma política migratória fortemente dirigista, centralizada e inspirada e inspiradora de um projeto global de território e nação.

No quinto e último período denominado pelo autor de “*Fragmentação territorial, violência e a estratégia da gestão social dos migrantes (ou um país de emigração?)*”, o mesmo irá ressaltar como as questões territoriais têm perdido espaço na agenda das políticas públicas para as intervenções fragmentadas e localizadas, respaldadas por políticas sociais reforçadoras da exclusão e marginalização dos migrantes.

A população excendentária que antes era deslocada das regiões atrasadas para as regiões desenvolvidas, através de uma política de integração nacional, beneficiando e contribuindo para o desenvolvimento do país, agora passa a ser encarada como um obstáculo à valorização do território. Este precisa ser esvaziado de uma população que o ocupa improdutivamente para dar lugar a projetos localizados voltados para a exploração do território. O conceito de população como recurso cede progressivamente o lugar ao conceito de população como ônus. A transferência das migrações internas, no início do governo Collor, do Ministério do Interior para o Ministério da Ação Social sinaliza o fim da questão migratória no âmbito do Estado Nacional.

Vale ressaltar experiências de segregação e fechamento do território urbano de algumas cidades brasileiras^{viii}, através de controle cada vez mais restrito à entrada de migrantes e/ou através de incentivos de retorno aos locais de origem.

Entretanto, na década de 1960 a 1980 era expressivo o quantitativo de migrações internas no Brasil, especialmente para São Paulo e Rio de Janeiro. Na década de 1960, um quarto dos migrantes dirigiam-se para São Paulo e 15% deles para o Rio de Janeiro. Os dois estados juntos receberam quase 40,0% dos imigrantes. Quanto aos emigrantes, persistia o que tinha sido observado nas duas décadas anteriores. Os dois grandes reservatórios de força de trabalho, o Nordeste e Minas Gerais, foram os que mais transferiram população para outros estados. Na década de 70, houve um aumento expressivo dos emigrantes para São Paulo e um decréscimo para o Rio de Janeiro, que teve o impacto da mudança da capital para Brasília e do maior crescimento da economia urbano-industrial paulista. (BRITO,2000)

O Nordeste reduziu muito pouco sua emigração nos anos 70, tanto em termos absolutos, quanto relativos, sendo responsável por mais de um terço do total de emigrantes. (BRITO,2000)

A favela Rio das Pedras, lócus da discussão, é composta predominantemente por nordestinos, com migração mais acentuada nos últimos 30 anos. Pesquisa realizada pelo Departamento de Sociologia e Política da PUC –Rio, em 2002, revelou que 6% dos moradores do local moram há menos de um ano na favela, 10% entre um e dois anos,

14% entre três e cinco anos e 28% entre seis e dez anos. Ou seja, quase 60% dos moradores da favela para lá se deslocaram nos últimos vinte anos.

A consolidação do núcleo original da favela ocorreu em 1969, quando os moradores conseguiram junto ao governador da Guanabara, Negrão de Lima, a desapropriação do terreno, acabando com a ameaça de expulsão em decorrência da pressão que vinha sendo exercida pelo proprietário da área. De lá para cá, a favela cresceu a passos largos, e hoje, é composta por sete áreas: área 1, núcleo original da favela, área 2, Vila dos Caranguejos, área 3, Areal I, área 4, Areal II, área 5, Areinha, área 6, Pinheiros e área 7, Pantanal (BURGOS, 2002), como será visto.

Além disso, está localizada nas proximidades do rio que deu nome à favela, e mais recentemente, tem se expandido até as margens da Lagoa da Tijuca. Nas duas últimas décadas tem se tornado um dos novos eixos de expansão^x da cidade em direção à Zona Oeste.

As modificações de funcionalidade urbana da Barra da Tijuca alteraram significativamente a posição da favela Rio das Pedras no mapa de acessibilidades da cidade, e principalmente, na preferência locacional dos que decidiram escolher a comunidade como local de moradia. Segundo ABRAMO (2003, p. 201), a posição ocupada pelas favelas nesse mapa, produz um “capital locacional”, que é incorporado pelas famílias, e considerado na avaliação de possíveis benefícios/perdas de deslocamentos no interior da cidade. Para ABRAMO (2003), esse “capital locacional” se altera ao longo do tempo, pois o mesmo é orientado pela estrutura urbana no entorno da favela e sua posição em relação às outras áreas da cidade.

A cidade do Rio de Janeiro, segundo estimativas do Instituto Pereira Passos (2004), possui 1,1 milhão de pessoas residindo em favelas, o que representa 18,8% da população total do município, em relação aos 5.581.914 habitantes registrados pelo último censo demográfico realizado pelo IBGE em 2000. Enquanto o crescimento da cidade foi de 6,8% durante a última década, o crescimento das favelas foi de 24,9%, pois, em 1991, havia 877 mil favelados no Rio de Janeiro, ou seja, 16% da sua população (em 1980, era de 14%). Dito de outra maneira, dos 371 mil habitantes que o município adquiriu a mais ao longo da década de 1990, 217 mil residiam nestas comunidades (59%) (ALKMIN, 2002).

Entre 1999 e 2000, o contingente de migrantes atingiu 615 mil pessoas que se deslocaram para o Estado do Rio de Janeiro, enquanto que a população total aumentou 1,7 milhões neste mesmo período. Do total de migrantes, 7% vieram há menos de um ano, e 29% entre um e dois anos. Desta forma, pode-se inferir que a evolução urbana das regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, ao contrário do que se imagina, continua a receber migrantes oriundos das mais diversas regiões do país (ALKMIN, 2002).

A favela Rio das Pedras, surgiu no contexto de polarização urbanização versus remoção. Entretanto, diferentemente de algumas favelas^x situadas especialmente na zona sul e centro da cidade, Rio das Pedras não sofreu processos bruscos de remoção de seus moradores. Situada na Barra da Tijuca, área recém-descoberta pela especulação imobiliária e de expansão do comércio do Rio de Janeiro, Rio das Pedras pôde servir como destino de muitos migrantes nordestinos, especialmente do excedente de moradores da favela da Rocinha, também situada no mesmo bairro.

Da favela da Rocinha vieram e ainda vêm muitos moradores de Rio das Pedras. Localizada a poucos quilômetros da Rocinha, Rio das Pedras inicialmente, contava com algumas vantagens para os migrantes nordestinos em relação à favela vizinha, como disponibilidade de terreno para construção de moradias a preço inferior as demais favelas da cidade, proximidade dos postos de trabalho da Barra da Tijuca, possibilidade de morar perto de parentes e/ou amigos, entre outros.

Além desses fatores, a decisão de mudar está relacionada também ao acesso às redes sociais no novo local de moradia, e a possibilidade de fugir do narcotráfico e da conseqüente violência gerada nos territórios que o mesmo domina. No caso de Rio das Pedras, a ausência dos constrangimentos gerados pela presença do tráfico de drogas e a relativa “tranqüilidade” proporcionada pelo controle das milícias^{xi} no lugar tem sido apontado como um dos principais motivos para a escolha da favela como local de moradia (BURGOS, 2002).

É comum entre os moradores de Rio das Pedras ressaltarem a “vantagem” de se morar numa favela livre do tráfico de drogas frente àquelas lideradas pelo mesmo. Na percepção dos moradores a favela possui aquilo que falta ao Rio de Janeiro: paz.

A “relativa tranqüilidade” imposta pelo duro controle da milícia local faz com que eles abram mão da sua liberdade civil e política. Dessa forma, a noção de cidadania acaba por se reduzir aos direitos civis que postula garantias à pessoa e à propriedade (MACHADO DA SILVA et al. 2005, p.3). Como disse um morador, há dez anos no local: *“A ‘mineira’, está em todos os lugares, ela vê e escuta tudo; os ‘homens’, estão de olho no meio do povo^{xii}”*

O mercado imobiliário da favela traduz essa “tranqüilidade” na valorização do seu território; Rio das Pedras é ‘vendida’ por seus empreendedores como uma espécie de cidadela dos pobres (BURGOS, 2002).

Entretanto, além desses fatores, temos que a atração exercida pelo Rio de Janeiro são decorrentes de construções subjetivas, em especial a esperança de oportunidades melhores, como afirma OLIVEIRA (2000). Essas “oportunidades melhores” podem ser traduzidas, entre outros fatores, ao acesso proporcionado nas grandes

cidades, de um acúmulo de uma variedade de bens de consumo, pouco ou dificilmente conquistados nos locais de origem.

Vale ressaltar que o migrante que outrora provinha essencialmente das áreas rurais, com a crescente urbanização das cidades tem advindo de núcleos urbanos, como cidades e/ou distritos consolidados no interior do Brasil. No caso de Rio das Pedras observou-se a recorrência de migrações de determinadas áreas e/ou cidades de dois Estados que mais contribuem com migrantes^{xiii} para a favela: Ceará e Paraíba. No Ceará observou-se a grande quantidade de migrantes da região norte do Estado, especialmente do entorno da Serra da Ibiapaba, e de cidades como Varjota, Viçosa do Ceará, São Benedito, Guaraciaba do Norte, Reriutaba, Tianguá, Ipú, entre outras. E no caso da Paraíba o grande deslocamento populacional provém dos municípios de Esperança, Montadas e Areial.

Segundo DURHAN (1973, p. 104), a integração da população rural a economia de mercado, o avanço da civilização industrial e a quebra do isolamento relativo dessas populações levaram a crise dos meios de subsistência, introduzindo necessidades que o equipamento produtivo tradicional não podia satisfazer. A inclusão na economia monetária manifesta-se através da necessidade crescente de dinheiro para ter acesso às novas necessidades. A percepção da necessidade de “melhorar de vida” é decorrência de uma quebra desse isolamento e inclusão numa economia competitiva. Como o novo equilíbrio só pode ser estabelecido a níveis mais altos de produção e consumo, o trabalhador sente esta situação como necessidade de “ascensão social”.

Para o migrante a “ascensão social” pode ser atribuída ao acesso a um salário que o proporcione bens de consumo como celular, aparelhos de televisão, computadores, dvds, móveis, eletrodomésticos, entre outros, numa variedade e possibilidade de renovação dificilmente disponibilizada pelo salário ou renda oferecido no seu local de origem. Entretanto, mesmo que alguns fatores encontrados na cidade grande possam ser considerados negativos em relação ao local de origem, como a precária condição de moradia, alto preços dos aluguéis, distância do trabalho, afastamento dos vínculos familiares e de amizade, entre outros, é recorrente em seus discursos a vantagem de poder estar incluído numa sociedade do consumo (BAUDRILLARD, 1995).

A idéia de projeto individual ressaltada por OLIVEIRA (2000) para compreender a situação dos moradores de rua em Brasília também é interessante para pensarmos os motivos pelos quais o migrante sai do seu local de origem para a cidade grande. Parafraseando VELHO (1994), OLIVEIRA (2000) resalta que projeto é a organização da conduta por meio da qual o individuo objetiva atingir finalidades específicas. O migrante ao vir para a cidade grande vem com a necessidade e desejo de construir seu projeto de vida, o seu “lugar”. Para construir o seu lugar o migrante geralmente aciona sua rede de

relações sociais. A inserção nessas redes contribui para que o migrante diminua as chances de se deparar com situações adversas (OLIVEIRA, 2000) e aumente a probabilidade de “satisfação” quanto à migração (PASTORE, 1969).

A migração aparece, muitas vezes, como uma tentativa de mobilidade social (DURHAN, 1973) do grupo social. E por vezes, a migração surge como tradição, uma solução “natural” para todos os tipos de problemas do grupo social (DURHAN, 1973, p. 125). Ou ainda como uma das poucas ou inevitáveis estratégias de sobrevivência básica para garantir sua posição na estrutura social (JANUZZI, 2000).

Existe um consenso em termos de se visualizar a mudança para o emprego urbano como uma promoção ou prestígio social para o indivíduo ou grupo. A proeminência dos valores urbanos na civilização moderna difundida pelos meios de comunicação de massa, reforça essa perspectiva. (BIANCHI, 1983, p.75 apud JANUZZI, 2000)

É importante ressaltar o papel dos meios de comunicação de massa na constituição de sentidos e significados da migração para o migrante, como também na construção das redes de relações sociais entre o lugar de destino e o lugar de origem.

A constituição dessas redes têm tido como aliado o crescente acesso a Internet em todo o Brasil. Em Rio das Pedras, é expressivo o grande número de lan houses espalhadas por toda a favela, facilitando a comunicação e encurtando a distância entre o local de origem e destino. O mesmo pôde-se observar no interior do Estado do Ceará, por exemplo, durante visita realizada em 2007, na cidade de Guaraciaba do Norte, observou-se à expressiva quantidade de lan houses presentes no centro da cidade.

2.1– Mobilidade Residencial e Território em Rio das Pedras

Durante conversas com moradores do lugar percebi que existe uma prática habitual de deslocamento no interior da favela. Isso pôde ser notado no grande número de anúncios de comercialização de imóveis, especialmente de troca de moradias. As análises dos anúncios combinadas com as falas dos moradores revelam que a favela dispõe de um mercado imobiliário propulsor impulsionado pela prática comum de mobilidade residencial entre os moradores.

Em Rio das Pedras, como é comum nas favelas, o território também está organizado segundo uma hierarquia de espaços, definida a partir do lugar que cada área ocupa na distribuição de poder político, econômico e social do lugar (BURGOS, 2002, p.45). Além disso, o que se observa na favela, é que existe um “gradiente de pertencimento”, onde o território fixa posições sociais internas, mas não cancela a mobilidade. Em Rio das Pedras, mudar de território significa mudar na escala social. Pois

o lugar social está objetivado no espaço, que se converte, ele mesmo, em fonte de disputa simbólica entre os moradores.

O mercado imobiliário local reflete essa estratificação sócio-espacial, apresentando variações nos preços dos imóveis e no custo do aluguel (BURGOS, 2002).

As áreas denominadas Areal I e II, Vila dos Caranguejos, Areinha e Pantanal compreendem a parte mais pobre de Rio das Pedras. As moradias caracterizam-se pela precariedade habitacional, péssimas condições sanitárias e de infra-estrutura urbana. De ocupação posterior ao núcleo original da favela, mais precisamente, no final da década de 1980 e ao longo da década seguinte, essas áreas estão distantes do núcleo original não só fisicamente pela Avenida Engenheiro Souza Filho, mas também socialmente. Isso pode ser percebido quando os moradores dessas áreas se deparam com moradores da parte mais abonada que nunca ou dificilmente sequer atravessam a referida avenida; ou ainda quando notam a sensação de estranhamento, causado a um morador da parte mais abonada, quando visualiza a paisagem social da parte mais pobre. Mais do que os do restante de Rio das Pedras, os moradores dessas áreas carregam o peso do estigma por ser “a favela da favela^{xiv}”. Diferentemente da área mais antiga, essas áreas apresentam baixo preço de aluguel e valor dos imóveis, o que acaba exercendo uma maior atratividade para as famílias recém-chegadas ao local, e que não dispõem de capital financeiro para residirem no núcleo original da favela. É especialmente, nessa área onde o desejo de mudar está mais presente, seus moradores almejam morar nas áreas mais abonadas (rua Velha, rua Nova e Pinheiros) de Rio das Pedras.

O núcleo original de Rio das Pedras é compreendido pela rua “velha” e rua “nova”, e pelos becos do entorno. A área começou a expandir-se efetivamente na década de 1970, em decorrência da crescente demanda interna por moradia, oriundos dos novos núcleos da favela, mas também como resultado da atração exercida sobre parentes e conhecidos de moradores de outros estados, especialmente, nordestinos (BURGOS, 2002). Nesse local estão presentes os moradores mais antigos, as melhores habitações, o centro comercial e político da favela, com a presença da sede da Associação dos Moradores de Rio das Pedras. É nesse espaço que estão localizadas às famílias de maior prestígio social e poder político e econômico; nele, as relações de vizinhança estão mais consolidadas, configurando uma área de maior capital social de Rio das Pedras. Aqui, o mercado imobiliário local desfruta de maior rentabilidade, pois os imóveis apresentam valor superior às demais áreas da favela.

A área conhecida como Pinheiro surgiu após a construção de 14 prédios de apartamentos do Programa Favela-Bairro, em 2001, destinado a 340 moradores do núcleo original de Rio das Pedras. Seu território é repleto de comércios, e prédios de três a quatro andares, indicando o processo de verticalização e valorização imobiliária. Seus

moradores têm padrão sócio-econômico igual ou superior aos moradores do núcleo original.

Apesar do deslocamento estar relacionado, em princípio, a condições econômicas, como por exemplo, poder pagar o valor que cada área da favela exige, mudar de endereço também vai depender das redes de relações sociais construídas antes da mudança para o lugar. Pois não basta ter o dinheiro para comprar o imóvel, é preciso “ter amizade, ser bem relacionado”, como disse uma moradora^{xv}.

Mesmo entre aqueles que já moravam em outros bairros ou favelas do Rio de Janeiro, a mudança para Rio das Pedras conta com recomendações e “facilidades” proporcionadas por parentes ou amigos. Facilidades que vão desde um emprego até a reserva de um “quartinho num local bom da favela”, segundo afirmou um morador nascido em Esperança – Paraíba, há um ano em Rio das Pedras. Ao falar “local bom da favela”, o morador está se referindo ao espaço físico (núcleo original do lugar e Pinheiros) e o prestígio social que lhe garante a proximidade com o centro comercial e político, como também a possibilidade de morar num local longe do preconceito e estigma a que estão submetidos os restantes dos moradores.

Pesquisa realizada pelo Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio (2002), em três favelas cariocas constatou que o ingresso no território da favela precisa de um mediador, uma espécie de “fiador” informal, em geral parente ou amigos^{xvi}. De acordo com PERLMAN (1977, p.40), essa é uma prática comum, encontrada nos processos migratórios, pois segundo a autora, “os migrantes^{xvii} não chegam à cidade como completos estranhos, sem ninguém a quem procurar”; eles chegam inseridos num conjunto de relações sociais específicas (SILVA, 2006). Além disso, a própria decisão de migrar faz parte de um processo que acontece no interior do grupo social a que pertencem (SILVA, 2006, p. 34). Tal decisão é orquestrada através das redes sociais, ou seja, é através dos amigos ou parentes que acabam “facilitando a busca de moradia e de ocupações para os que chegam, com base em compromissos morais sedimentados pela proximidade dos laços afetivos” (COSTA, 2001, p.254).

Em Rio das Pedras, a ausência de contratos formais para gerir o mercado imobiliário, faz com que os mesmos sejam baseados em relações interpessoais, que têm por código dimensões como a lealdade e a confiabilidade, construídos pelas redes de relações sociais de amizade, vizinhança e parentesco. São essas redes de sociabilidade que vão permitir a articulação social necessária para a convivência na comunidade.

Dessa forma, a questão é: como se constroem as redes de relações sociais que permitem o deslocamento no interior da favela? Que tipo de articulação os moradores nordestinos precisam empreender para se deslocarem, especialmente para as áreas

mais consolidadas da favela? Que representações os diferentes espaços da comunidade têm para os moradores?

2.3- Redes Sociais e trajetórias de migrantes nordestinos em Rio das Pedras

Como foi mencionado, os migrantes nordestinos de Rio das Pedras moraram em outras favelas ou bairros periféricos do Rio de Janeiro, antes de se estabelecer “definitivamente” no local. Contrapondo a realidade encontrada por PERLMAN (1977), onde a autora constatou a relativa ausência de deslocamentos^{xviii} após a chegada à cidade, a favela em questão parece estar inserida, num contexto de migração intensa.

Pesquisas anteriores constataram que os migrantes não apresentam um percurso migratório único e retilíneo, com a presença de passagens por várias cidades brasileiras (SILVA, 2006, MATA, 1973). Os migrantes de Rio das Pedras parecem diferir daqueles por percorrer a via direta local de origem - Rio de Janeiro. Ao chegar nesse Estado, eles entrariam no contexto de deslocamento residencial da periferia e/ou favelas da capital a Região Metropolitana e interior fluminense.

Dessa forma, a realidade encontrada em Rio das Pedras comunga com as pesquisas realizadas por SAYAD, 1998; QUEIROZ 1973; MENEZES 1996; GARCIA, 1990; SEYFERTH, 1990, quando afirmam que o migrante é visto como pertencente a um grupo que se associa a uma origem regional única, a qual é relacionada a um espaço físico. Os migrantes de Rio das Pedras identificam-se a partir de uma origem regional; eles se autodenominam “cearenses”, “paraibanos”, “baianos”, e se identificam enquanto grupo de nordestinos^{xix} na favela.

Entretanto, o indivíduo não migra sozinho (SAYAD, 1998; COSTA, 2001; GARCIA e HEREDIA, 1997 entre outros), ele chega amparado por um conjunto de relações sociais construídas, e imersos em processos sociais que os fazem partir (SILVA, 2006, p. 42). Na pesquisa em questão, é importante ressaltar que em Rio das Pedras, é comum um migrante encontrar-se pelas ruas da favela, não só com parentes, mas com antigos vizinhos de sua cidade de origem. Essa proximidade social com o local de origem é reforçada pelos olhares vigilantes dos “conterrâneos”. Como disse uma moradora, nascida em Guaraciaba do Norte – Ceará, há três anos na favela:

“O Rio das Pedras é um lugar muito animado, cheio de bares e festas por todos os lados. Na minha rua, tem um monte deles, e tem muito nordestino também, tem gente do Piauí à Bahia (...) Já encontrei várias pessoas da minha terra, gente que eu nem sabia que estava na favela. Aqui, quando a gente faz uma coisa, o Ceará todo sabe...” (Entrevista realizada em 08/02/2007).

A fala da moradora remete à definição de redes sociais, cunhada por BOTT (1976, p.107): “cada pessoa está, por assim dizer, em contato com um número de pessoas, algumas das quais estão diretamente em contato com cada uma das outras e algumas das quais não estão...” Assim, o conceito de rede implica contato social, que não é necessariamente físico, visual, que pode ocorrer entre pessoas que não se conhecem, mas possuem o mesmo sentimento de pertença a campos de relações específicas (SILVA, 2006, p.43).

Além disso, a fala da moradora nos faz pensar como a relação desenvolvimento industrial e migração é insuficiente para explicar os fluxos migratórios (GARCIA, 1990, p.12), pois mostra que a migração não se resume à transferência de força-de-trabalho entre regiões menos desenvolvidas e mais desenvolvidas ou entre setores arcaicos e modernos. Ou seja, de forma que os agentes sociais apareçam como seres passivos de um processo determinado exteriormente pela estrutura social, ou pelo processo de acumulação capitalista. Ou ainda que a mobilidade populacional represente uma reação aos desequilíbrios do mercado de trabalho (MATA,1973).

Entretanto, Eunice Durhan (1978) afirma que as migrações do campo para a cidade se apresentam como um aspecto do desenvolvimento diferencial das diversas regiões do país. Ou seja, a autora entende que as migrações resultam do deslocamento de populações de áreas estagnadas, atrasadas, para outras em desenvolvimento e modernas.

Segundo SILVA&MENEZES (2004), essa visão, acaba por não incorporar o significado das migrações para os próprios agentes envolvidos nesse processo social. E cita os estudos que utilizam, como eixo de análise, as condições de reprodução social do grupo familiar (GARCIA, 1990, HEREDIA, 1979) e, particularmente, aqueles que demonstram que as migrações internas no Brasil constituem importante estratégia para a reprodução social de famílias camponesas.

Não foi difícil encontrar famílias inteiras morando na favela. Além disso, observei que as relações de parentesco e de amizade construídas no local de origem se mantêm no espaço da comunidade. THOMAS e ZNANIECKI (1974, apud SILVA 2006) ao falar da migração de poloneses para os Estados Unidos, em fins do século XIX, observaram que a mudança de local de moradia não configura a perda de valores familiares e de pertença ao grupo de origem.

SAYAD (1998, p. 31), ao estudar os imigrantes argelinos, diz que os cabiles ao emigrarem para a França não perderam o sentimento de pertença ao local de origem; e continuaram sendo considerados homens da aldeia. Ou seja, a comunidade a qual pertencem se estende pelo espaço físico, e o migrante continua fazendo parte dela. Entretanto, é certo que o fenômeno migratório não inclui apenas continuidades, mas

também mudanças. O próprio SAYAD (1998) percebe isso ao observar que as tarefas agrícolas tradicionais dos cabiles vão sendo abandonadas assim com a própria mentalidade camponesa e antigos valores. Entretanto, a migração não é fator de desintegração, mas envolve permanências de valores e costumes trazidos do local de origem.

3. Bibliografia Preliminar

- ABRAMO, P. A teoria econômica da favela: quatro notas sobre a localização residencial dos pobres e o mercado imobiliário informal. In: ____ (Org.). *A cidade da informalidade*. Rio de Janeiro: Livraria Sette Letras / FAPERJ, 2003, p. 189-223.
- BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade do Consumo*. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.
- BOTT, Elizabeth. *Família e Rede Social*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.
- BRITO, Fausto. *Brasil, final de século: Transição para um novo padrão migratório?* Campinas, SP. Disponível em: [http:// www.abep.nepo.unicamp.br.2000](http://www.abep.nepo.unicamp.br.2000).
- BURGOS, Marcelo B. (Org.). *A utopia da comunidade: Rio das Pedras, uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.
- CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de. *O Nordeste e o regime autoritário: discurso e prática do planejamento regional*. São Paulo: Hucitec, Recife, SUDENE, 1987. Parte III (pp 145-234).
- COSTA, Maria Cristina Silva. "Nós das Redes". *Travessia: revista do migrante*. no.40, p. 25-27, maio/ago. 2001.
- DURHAM, Eunice R. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GEERTZ, Clifford. "Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura". In: *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro: Zahar, 1978
- _____. *Uma Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- GARCIA JÚNIOR, Afrânio Raul. *O Sul: Caminho do Roçado – estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. São Paulo: Marco Zero, 1990.
- GARCIA, Marie France; HEREDIA, Beatriz M. Alasia de. "Migração e Estratégias Familiares: O Caso dos Nordestinos no Rio de Janeiro". *Série Estudos Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, UFRJ/IFCS, no. 13, p. 75-84, 1997.
- HEREDIA, Beatriz M. Alásia de. *A Morada da Vida: trabalho familiar de pequenos produtores no nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- JANUZZI, Paulo de Martino. Migração e mobilidade social. Migrantes no mercado de trabalho paulista. Campinas: autores associados, 2000, cap. 1, p. 5-37.

MACHADO DA SILVA, Luis Antônio et all. *Matar, morrer, “civilizar”*: o “problema da segurança pública”. Monitoramento Ativo de Participação da Sociedade. Relatório de Projeto. IBASE/Action Aid Brasil. Fundação Ford, 2005. Disponível em www.ibase.br

_____ *A política na favela. Cadernos Brasileiros*, ano IX, n. 41, maio/jun. 1967, p. 35-47.

_____ *A continuidade do “problema da favela”*. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 220-237, 2002.

_____ *Violência e Sociabilidade: tendências da atual conjuntura urbana no Brasil*. In: RIBEIRO, Luiz César de Queiroz, SANTOS JÚNIOR, Orlando Alves dos (Org.). *Globalização, fragmentação e reforma urbana: o futuro das cidades brasileiras na crise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 147-168, 1994.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril, 1976.

MATA, Milton da. *Urbanização e migrações internas* (1973). In: MOURA, Hélio A de. (org) *Migração Interna: textos selecionados*. Fortaleza: BNB, ETENE, 1980, p. 807-844.

MENEZES, Marilda Aparecida. *Redes e Enredos nas Trilhas dos Migrantes: um estudo de famílias de camponeses-migrantes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. “Relações de Solidariedade em Comunidade de Camponeses – Trabalhadores Migrantes”. *Inf. Soc.: Est. João Pessoa*, v. 6, n. 1, p. 57-72, 1996.

OLIVEIRA, Heloísa Maria Alves de. *O Poço da Draga e a Praia de Iracema: convivência, conflitos e sociabilidades*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFC, Fortaleza, 2006, mimeo.

_____ *O Poço da Draga ‘premiado’: o projeto de realocação e a construção do Centro Multifuncional de Eventos e Feiras do Ceará*. Fortaleza: Departamento de Ciências Sociais. UFC. Monografia, 2003.

OLIVEIRA, Dijaci David de. *Migrações, redes e projetos: os moradores de rua em Brasília*. In: BURSZTYN, Marcel (org) *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 172-191.

PASTORE, José. *Brasília: a cidade e o homem*. Uma investigação sociológica sobre os processos de migração, adaptação e planejamento urbano. São Paulo: CEN, USP, Cap 1 e 2.

PERLMAN, Janice. *O mito da marginalidade; favelas e política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. *Bairros Rurais Paulistas*. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1998.

_____. “Uma Família Deslocada” In: BOURDIEU, P. (dir.) *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e Cultura no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

_____. “Prefácio” In: MENEZES, Marilda Aparecida de. *Redes e Enredos nas Trilhas dos Migrantes: um estudo de famílias de camponeses-migrantes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. “As Andorinhas, nem lá, nem cá”. *Cadernos Ceru*. São Paulo, série 2, no. 9, p. 69-80, 1998.

_____ & MENEZES, Marilda Aparecida. *Migrações rurais no Brasil: velhas e novas questões*. Revista Eletrônica do Nead, Brasília/DF, p. prelo, 2006.

SILVA, José Borzachiello da. *Os incomodados não se retiram*. Fortaleza: Multigraf, 1992.

SILVA, Virginia Ferreira da. *Migração e Redes Sociais: Trajetórias, Pertencimentos e Relações Sociais de Migrantes no interior de São Paulo*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia/ IFCS – UFRJ, Rio de Janeiro, 2006, mimeo.

VAINER, Carlos B. Estado e Migrações no Brasil: anotações para uma história das políticas migratórias. *Travessia – Revista do Migrante*, 2000, v, 13, n. 22, p. 15-32.

VALLADARES, Licia do Prado. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

_____ A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, Anpocs, v. 15, n. 44, out. 2000, p. 5-34.

_____ & MEDEIROS, Lídia. *Pensando as favelas no Rio de Janeiro (1906 – 2000): uma bibliografia analítica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.

_____ & PRETECEILLE, Edmond. “Favelas, favelas: unidades ou diversidade da favela carioca”. In: RIBEIRO, Luiz César de Queiroz (org.). *O futuro das metrópoles*. Rio de Janeiro: Revan, p. 2000.

ZALUAR, Alba. *A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____ & ALVITO, Marcos (Orgs.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1998.

ⁱ Segundo Silva (1992: p.58), “. . . só [pode] ser considerada ‘favela’, para fins estatísticos dos órgãos oficiais a concentração de pobreza em áreas desprovidas de infra-estrutura básica e onde seus ocupantes não tenham o título de posse da terra”. Essa definição comunga com a conceituação de favela de Perlman (1977, p.40): “. . . o que, afinal, distingue a favela de muitas outras comunidades pobres que lhes são semelhantes é a ocupação ilegal da terra.” No caso de Rio das Pedras, nenhum morador possui o título de propriedade da terra que ocupa, segundo informações da Associação de Moradores de Rio das Pedras. E mesmo aqueles que foram beneficiados pelo Programa Favela – Bairro em 2001, ainda não possuem o título de propriedade de suas unidades habitacionais, mas apenas a concessão de moradia, segundo informações da Célula de Regularização Fundiária da Secretaria de Habitação do Rio de Janeiro. Entretanto, segundo Lícia Valladares e Edmond Preteceille, em “Favelas, favelas: unidades ou diversidade da favela carioca” (Ribeiro, Luiz César de Queiroz (org.). *O futuro das metrópoles*. Rio de Janeiro: Revan, 2000, constatam que a informalidade do título da propriedade do terreno está longe de ser monopólio das favelas. Ao contrário, os autores revelam que o maior número de domicílios cujo morador é proprietário apenas da construção - e não da terra - está fora das favelas.

ⁱⁱ Segundo Silva (1992: p.58), “. . . só [pode] ser considerada ‘favela’, para fins estatísticos dos órgãos oficiais a concentração de pobreza em áreas desprovidas de infra-estrutura básica e onde seus ocupantes não tenham o título de posse da terra”. Essa definição comunga com a conceituação de favela de Perlman (1977, p.40): “. . . o que, afinal, distingue a favela de muitas outras comunidades pobres que lhes são semelhantes é a ocupação ilegal da terra.” No caso de Rio das Pedras, nenhum morador possui o título de propriedade da terra que ocupa, segundo informações da Associação de Moradores de Rio das Pedras. E mesmo aqueles que foram beneficiados pelo Programa Favela – Bairro em 2001, ainda não possuem o título de propriedade de suas unidades habitacionais, mas apenas a concessão de moradia, segundo informações da Célula de Regularização Fundiária da Secretaria de Habitação do Rio de Janeiro. Entretanto, segundo Lícia Valladares e Edmond Preteceille, em “Favelas, favelas: unidades ou diversidade da favela carioca” (Ribeiro, Luiz César de Queiroz (org.). *O futuro das metrópoles*. Rio de Janeiro: Revan, 2000, constatam que a informalidade do título da propriedade do terreno está longe de ser monopólio das favelas. Ao contrário, os autores revelam que o maior número de domicílios cujo morador é proprietário apenas da construção - e não da terra - está fora das favelas.

ⁱⁱⁱ De acordo com a pesquisa, a população da favela de Rio das Pedras – considerada como o complexo de favelas que reúne Rio das Pedras, Areal 1, Areal 2 e Vila Caranguejo – era de 39.862. A população do Complexo do Alemão era de 54 765 habitantes, da Rocinha, 45 585 habitantes, do Jacarezinho, de 34 919 habitantes.

^{iv} Muzema, Rocinha e Tijuquinha, foram as mais citadas durante o trabalho de campo, todas localizadas na Barra da Tijuca ou proximidades.

^v Durante esses dois períodos permaneci em Rio das Pedras por duas semanas, e na ocasião, conversei com oito moradores, seis nordestinos e dois cariocas. Por várias vezes os moradores narraram experiências de familiares que também moravam em Rio das Pedras, e que antes tinham residido em outras favelas ou bairros da periferia do Rio de Janeiro.

^{vi} Vale ressaltar a importância das redes sociais na viabilização dos deslocamentos entre regiões brasileiras. No caso dos moradores nordestinos de Rio das Pedras a articulação prévia das redes sociais ocorre desde o local de origem do migrante e estende-se até o local de destino. Desse modo, minha pesquisa estudará indiretamente a construção das redes sociais desde o local de origem, mas concentrará seu foco de análise após o desembarque do migrante no Rio de Janeiro.

^{vii} Migrante é o indivíduo (ou grupo) que deixa uma área onde está localizada a maior parte de sua rede de interações e vai para uma outra área onde a rede de contatos lhe é inicialmente estranha (PASTORE, 1969, p. 9).

^{viii} Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro possuem programas dentro de suas secretarias de ação social de retorno de migrantes para seu local de origem. Como afirmou o autor, esse controle dos migrantes no território é algumas vezes apoiado pelos próprios moradores do local. Basta vermos que esse retorno é reforçado socialmente pela mídia nacional através de programas com grande audiência como *De volta para minha terra* do Domingo Legal do SBT.

^{ix} De acordo com a mesma pesquisa, constatou-se que o crescimento da favela Rio das Pedras está associado às oportunidades econômicas geradas pela proximidade e consolidação do novo subcentro da Barra da Tijuca. Para demonstrar essas hipóteses a pesquisa utilizou como indicadores as seguintes variáveis: atividade imobiliária, arrecadação de impostos e o índice de desenvolvimento humano.

^x Praia do Pinto (1960), Morro da Catacumba (1970), Ilha das Dragas (1960), Favela do Esqueleto (zona norte).

^{xi} As milícias ou “polícias mineiras” como também são conhecidos, constituem-se, na maioria dos casos, de ex-policiais militares ou civis, bombeiros, na ativa ou aposentados, que expulsam os traficantes de drogas das favelas, passando a cobrar proteção dos moradores e assumindo o controle de outras atividades ilegais, como a instalação de ligações clandestinas de televisão a cabo, entre outros serviços.

^{xii} Entrevista realizada pela autora em 10/02/2007. A fala do morador nos lembra o texto “Vigiar e Punir” (2002) de Michel Foucault, quando ele fala que o poder panóptico se baseia na vigilância contínua e no pleno controle dos indivíduos.

^{xiii} O crescimento da favela Rio das Pedras deve-se essencialmente a migração nordestina dos últimos 40 anos e ao nascimento das segundas e/ou terceiras gerações de nascidos no local.

^{xiv} Em pesquisa realizada em 2006, na favela do Poço da Draga (Fortaleza/ Ce), observei que os moradores do lugar também reproduzem espacialmente as diferenciações sociais. Inclusive, um dos capítulos da dissertação chama-se “O Poço do Poço da Draga”, onde retrato que os conflitos sociais são objetivados no espaço físico (OLIVEIRA, 2006).

^{xv} Entrevista realizada pela autora em 08/02/2007.

^{xvii} Perlman (1977) realizou sua pesquisa em três favelas cariocas: nas favelas da Zona Sul, especialmente em Catacumba, nas favelas da Zona Norte, especialmente Nova Brasília, nos subúrbios da Baixada Fluminense, e em grupos de cidades-satélites ou cidades dormitórios.

^{xviii} Em pesquisa realizada com 494 migrantes de três favelas da cidade, 54% afirmaram não ter mudado de moradia depois da chegada ao Rio de Janeiro (PERLMAN, 1977). Entretanto, a realidade encontrada pela autora parece apontar para um momento da história do Rio de Janeiro, quando ainda havia vazios urbanos na cidade, entendidos como espaços “susceptíveis” para invasões. Com terrenos disponíveis para construir suas moradias, mesmo que de modo precário, as famílias se instalavam e dificilmente mudavam para outro local da cidade. Mais recentemente, com a saturação relativa de espaço para “invasões”, a saída para os recém-chegados tem sido o aluguel de pequenos cômodos na periferia ou favelas cariocas. Como os preços sofrem variações dependendo da localização da favela, no mapa de acessibilidades da cidade (ABRAMO, 2003), as famílias menos abonadas acabam tendo que se deslocar para outros locais. Entretanto, existem outros fatores que podem contribuir para os deslocamentos interfavelas e/ou periferias, como a presença do tráfico de drogas, a possibilidade de ficar mais perto de amigos ou parentes, a proximidade com o emprego, entre outros.

^{xix} Entretanto, além da autodenominação, existe também uma atribuição “externa”, “de fora”, de todos como “nordestinos” ou “paraibas”, incluindo mesmo os que não o são ou assim não se consideram.